

## **Longe daqui, aqui mesmo: tensões sobre o corpo feminino em perspectiva em Ercília Nogueira Cobra e Lina Meruane**

*Lejos de aquí, acá mismo: tensiones sobre el cuerpo femenino en perspectiva en Ercília Nogueira Cobra y Lina Meruane*

*Far from here, right here: tensions over the female body in perspective in Ercília Nogueira Cobra and Lina Meruane*

**Luciana Lima Silva<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Ao longo das décadas, algumas pensadoras de origem latino-americana se posicionaram como vozes potentes de um pensamento favorável a uma real emancipação feminina, recebendo críticas muitas vezes mordazes às perspectivas que evidenciaram, desalinhadas aos sistemas de valores da sociedade tanto um século atrás quanto agora, em que as pautas conservadoras reassumiram o topo do poder em diferentes países e governos. Observando esse fenômeno, este trabalho se propõe a destacar algumas das proposições da brasileira Ercília Nogueira Cobra e da chilena Lina Meruane relacionadas a questões feministas, para debatê-las à luz da época em que essas escritoras estão inseridas. Para isso, serão analisadas as obras *Virgindade anti-higiênica* (1924), de Ercília Nogueira Cobra, e *Contra os filhos* (2018), de Lina Meruane.

Palavras-chave: feminismo; mulheres; literatura brasileira; literatura latino-americana; Américas.

### **Resumen**

Al largo de las décadas, algunas pensadoras de origen latinoamericano se han posicionado como potentes voces de pensamientos favorables a la emancipación femenina real, atrayendo críticas mordaces a las perspectivas que presentan, divergentes de los sistemas de valores de la sociedad tanto hace un siglo como ahora, cuando las agendas conservadoras han vuelto al poder en diferentes países y gobiernos. Observando este fenómeno, este trabajo tiene como objetivo resaltar algunas de las proposiciones de la brasileña Ercília Nogueira Cobra y de la chilena Lina Meruane relacionadas con temas feministas, para discutirlos a la luz de la época en la que estas escritoras se insertan. Para eso, se analizarán las obras *Virgindade anti-higiênica* (1924), de Ercília Nogueira Cobra, y *Contra los hijos* (2018), de Lina Meruane.

Palabras clave: feminismo; mujeres; literatura brasileña; literatura latino-americana; Américas.

### **Abstract**

Over the decades, some thinkers from Latin American have positioned themselves as powerful voices of a thought favorable to real female emancipation, attracting criticisms to the perspectives they have shown, out of line with society's value systems both a century ago and now, in which conservative agendas have returned to the top of power in different countries and governments. Observing this phenomenon, this work aims to highlight some of the propositions of the Brazilian writer Ercília Nogueira Cobra and the Chilean writer Lina Meruane related to feminist issues, to discuss them in relation to the time in which these women are inserted. For this purpose, the

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Teoria e História Literária; Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, São Paulo, Brasil; [limasilva.luciana@gmail.com](mailto:limasilva.luciana@gmail.com)

works *Virgindade anti-higiênica* (1924), by Ercília Nogueira Cobra, and *Against the kids* (2018), by Lina Meruane, will be analyzed.

Keywords: feminism; women; Brazilian literature; Latin American literature; Americas.

## 1. Introdução

No Brasil dos anos 1920 não havia incentivo ou estímulo às mulheres para que frequentassem o ensino superior ou profissionalizante. Muitas delas, antes mesmo de concluir os estudos da escola normal, eram submetidas a casamentos arranjados – muitas vezes com homens mais velhos, que já haviam sido casados. As poucas mulheres que seguiam carreira profissional raramente obtinham reconhecimento intelectual, e aquelas casadas que buscavam ofícios próprios eram com frequência ofuscadas pela figura do marido, ainda que a relevância técnica deste estivesse muito aquém da produção da esposa. Um exemplo disso na história literária brasileira é Julia Lopes de Almeida, escritora reconhecida pela crítica em razão da qualidade de sua vasta produção ficcional e jornalística, que teve apagada sua participação como uma das fundadoras da Academia Brasileira de Letras, por ser mulher e não poder ocupar uma das cadeiras da instituição. Em vez disso, Filinto de Almeida, esposo de Julia e escritor de menor envergadura que ela, assumiu a cadeira de número 3 da ABL.

Se há mulheres como Julia Lopes de Almeida que, mesmo invisibilizadas pela dinâmica patriarcal, se estabeleceram em uma profissão às vésperas do século 20, há também muitas outras que sequer tiveram acesso a uma formação técnica ou a espaços de poder historicamente ocupados por homens. As linhas a seguir, que estabelecem um diálogo entre os pensamentos de Ercília Nogueira Cobra e Lina Meruane, trazem algumas possibilidades que indicam os obstáculos a esses acessos.

## 2. *Virgindade anti-higiênica* e as mulheres sem autonomia

Em *Virgindade anti-higiênica* (1924), Ercília Nogueira Cobra faz um apanhado crítico sobre a situação da mulher nos anos 1920, partindo da ideia de virgindade para problematizar a limitação de espaços aos quais as mulheres poderiam ascender naquele período. E quais eram esses espaços? No caso das mulheres casadas, o espaço doméstico, realizando a organização da casa, procriando e cuidando dos filhos; no caso das não casadas, os espaços sociais pelos quais

elas transitavam com a tutela da família – em geral, tendo em vistas a demonstração de boas maneiras e beleza para que isso atraísse um marido bem-sucedido.

Ercília propõe que toda a construção social feita em torno de como deve ser a vida de uma mulher – incluindo a atividade sexual restrita ao matrimônio e à formação de uma família – seria um fator responsável por conduzir à marginalização aquelas que, tal como era permitido aos homens, perdiam a virgindade em função do desejo próprio, e não de um casamento. Muito disso, propõe a autora, estaria relacionado à condição de servidão ao homem em que a mulher é alçada ao ser privada de uma educação voltada à formação profissional e ao emprego. Desenvolvimento intelectual e independência financeira seriam, assim, chaves para o forjamento de um lugar emancipatório para a mulher.

Ao questionar sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade, Ercília mostra que nas relações de direitos humanos da época o que se veem são mulheres envoltas em *deveres*, sem reconhecimento do trabalho doméstico que exercem, e homens às voltas com *prazeres*, desfrutando de reconhecimento profissional.

Em geral, restaria às mulheres que se lançassem no mercado de trabalho dos anos 1920 atuarem como frente de trabalho nas fábricas, nas quais recebiam remuneração menor do que os homens que trabalhassem em posição igual ou mesmo inferior. Além disso, enfrentavam o fato agravante de não poder abrir mão da constituição familiar e do conseqüente trabalho doméstico. A esse respeito, novamente Ercília aponta como solução o acesso à educação técnica, pela qual as mulheres obteriam conhecimentos que as tornariam aptas a realizar trabalhos mais bem remunerados em indústrias mais lucrativas, mas é sabido que o acesso feminino ao conhecimento acadêmico foi desencorajado durante muito tempo.

Parte desse desencorajamento estaria atrelado à questão da virgindade, e a esse propósito o texto pontua a diferença entre mulheres cujas famílias desfrutavam de boa situação social e aquelas de classes pobres: enquanto as primeiras, aos sinais iniciais de interesse sexual, eram direcionadas a um casamento, as segundas frequentemente cediam ao desejo mediante promessas de casamento que não se cumpriam, o que resultava na perda da virgindade e, portanto, no que era considerada a perda da “honra”, uma vez que esta se baseava em valores da Igreja e do Estado que criminalizavam e puniam a atividade sexual feminina fora do contexto matrimonial reprodutivo.

Se por um lado os homens eram encorajados a iniciar a vida sexual sem a obrigação do casamento, por outro lado as mulheres cuja perda da virgindade não estivesse atrelada a um vínculo matrimonial eram comumente marginalizadas pelos pais, que as expulsavam de casa, e pela sociedade, que não mais as aceitava como “mulheres honradas”, o que limitava ainda mais a possibilidade feminina de acesso a espaços de poder. Diante desse cenário, uma alternativa frequente era recorrer à prostituição, não só para ter uma fonte própria de rendimentos, mas, muitas vezes, para sustentar os filhos gerados a partir das relações sexuais fora do contexto matrimonial.

É também relevante ressaltar que, não bastasse a punição quando o sexo fosse praticado por vontade própria da mulher, havia outra punição ainda maior: a do estupro que resultava em “reparação da honra”, isto é, a violação sexual que obrigava a vítima a se casar com o estuprador, exponenciando, assim, a violência de gênero e a repressão e submissão do desejo feminino na esfera social.

Se em um primeiro momento essas ideias remetem a outras pensadoras, como a francesa Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949), e a inglesa Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (1929), que se debruçaram sobre essas questões, de modo a fazer parecer pouco original o que propõe Ercília, lembrar o momento em que esse trabalho foi exibido pode trazer surpresa: em 1924, no primeiro engatinhar da modernidade, veio a público *Virgindade anti-higiênica*.

Ao contrário de suas colegas pensadoras europeias, no entanto, a brasileira Ercília Nogueira Cobra teve muita dificuldade em ver a própria obra publicada: sem encontrar espaço em jornais e revistas, viu *Virgindade anti-higiênica* ser apreendido pela polícia e taxado como pornográfico. Mais adiante, a repercussão negativa das ideias divulgadas neste livro a levaram a mudar de nome e país, sem deixar notícias de seu paradeiro, de modo que o próprio encaminhamento da história da autora se torna bastante representativo das violências e repressões às quais mulheres com posturas autônomas eram frequentemente submetidas no Brasil.

A respeito dessa repressão, a autora pontua o poder da Igreja sobre os corpos femininos, mas considera isso algo a ser suprimido em tempos próximos a 1924, ano no qual foi publicado *Virgindade anti-higiênica*, de modo que essa instituição não teria mais o poder referencial de pressionar as mulheres a casar e ter filhos, assim como deixaria de desencorajar a busca das mulheres por outros espaços de poder.

No entanto, observamos que em tempos recentes, no Brasil e nas Américas, a constituição da família e os debates sobre o que seria a função social da mulher ressurgiram com força nos discursos conservadores. Por exemplo, o bispo brasileiro Edir Macedo disse em 2019 que a mulher não pode ter mais estudo do que o marido, do contrário “ele não seria o cabeça, ela seria a cabeça. E se ela fosse a cabeça não serviria à vontade de Deus” (SOARES, 2019). Essa suposta vontade de Deus, no caso, seria a de que a mulher se dedicasse ao lar e aos filhos. De que a mulher fosse *re-produtiva* e o homem, *produtivo*.

E é sobre os encargos da reprodução que a chilena Lina Meruane fala no livro *Contra os filhos* (2018). Em especial à luz da guinada conservadora que resultou em muitos dos atuais governos de matizes religiosas, militares e armamentistas que têm regido as Américas nos últimos anos, lançar um livro que se opõe veementemente aos filhos rendeu polêmicas e críticas à autora.

### **3. *Contra os filhos* e o retorno do “anjo-materno”**

Se em 1924 Ercília Nogueira Cobra propõe que as mulheres precisam de estudos e qualificação técnica para reivindicar a mesma liberdade masculina de trânsito, Lina Meruane, em 2018, vai além e diz que não bastam a educação e a profissionalização; seria preciso também que as mulheres abdicuem dos filhos para poder ascender a todos os espaços de poder aos quais os homens têm direito e nós, mulheres, ainda não, porque estaríamos sempre às voltas, parcial ou integralmente, com os compromissos da maternidade, o que limitaria nossa potência.

Lina retoma um ponto que é bastante debatido no texto de Ercília: a profissionalização da mulher. No entanto, usa essa temática para questionar por qual motivo – após muitas lutas para conquistar um lugar de autonomia na sociedade por meio de estudos, formação e atuação profissionais – muitas mulheres estão abdicando desses êxitos para retornarem aos lares, dedicando-se integralmente aos filhos e a eles devotando a centralidade das próprias ações cotidianas.

Um dos maiores e mais eficazes delimitadores sociais de espaço seria aquilo que Lina chama de “anjo-materno”, uma espécie de sacralização da maternidade que eficazmente resultou, ao longo de séculos, na permanência da mulher no ambiente doméstico. Esse anjo teria sido combatido nas ondas feministas que se sucederam, mas estaria se reinstalando por

meio do retorno da associação entre mulher e ecologia, levando muitas mães a se dedicarem cada vez mais à gestação e à maternidade a fim de suprir, com menos interferências possíveis, todas as necessidades de seus filhos. Essas necessidades, atreladas a esse campo natural, seriam: gestação sem o uso de nenhum fármaco e com alimentação orgânica; parto sem interferência de anestésicos e procedimentos médicos; amamentação em livre demanda pelo maior tempo possível; nutrição infantil complexa em nutrientes; estímulos educativos em tempo integral; negação aos valores protetivos das vacinas, posto que a lactação prolongada traria toda a proteção imunológica de que as crianças precisariam; entre outros. Dada a necessidade desse vasto número de compromissos com o filho que a nova mãe assumiria, não só suas atividades se restringiriam ao lar como também seu tempo livre se devotaria à causa dos filhos e da casa, uma vez que a essas mulheres interessaria o aprendizado constante de práticas que garantam a potencialização das habilidades de suas crianças e novas maneiras de organizar o lar em torno dessas demandas.

Como bem retoma a autora, cabe aqui observar que, embora alguns pais da atualidade participem mais do processo de criação dos filhos do que em outras épocas, a falta de assistência financeira do Estado às mulheres perdura ao passo que persiste a cobrança social em torno da procriação e aumentam as recomendações em torno do tempo que uma mãe deve disponibilizar à criação dos filhos.

### **3.1 Corpos *produtivos* e corpos *re-produtivos***

Ao apresentar categorias de mães dentro do universo daquelas que observou, Lina teoriza que há vários tipos. Dentre essas, destaca a figura da supermãe, aquela que além de ter filhos e deles cuidar como uma “mãe-total”, também se dedica a executar com perfeição as demais tarefas do cotidiano, sem dar margem à interpretação de que ser mãe pode colocá-la em desvantagem em alguns contextos. Além disso, esse tipo de mãe assumiria postura competitiva e pouco empática em relação a outras que assumem suas dificuldades e limitações.

É importante ressaltar, no entanto, que ao categorizar as mães, apresentando possíveis riscos que elas apresentam ao progresso dos ideais feministas e pouco se solidarizando às dificuldades enfrentadas por elas, a autora muitas vezes se estabelece como algoz, problematizando a pauta feminista do acesso à igualdade a partir das ações femininas, em vez

de pautar o debate a partir das responsabilizações históricas que o Estado e a Igreja têm sobre a construção dos modelos de maternidade. Lina apenas se detém brevemente sobre esses tópicos em um momento ou outro de sua escrita. Em breve capítulo, por exemplo, ela aborda a responsabilidade específica do Estado em relação à família, uma vez que o discurso de países que ainda não legalizaram políticas de aborto é sempre voltado à defesa da formação familiar. No entanto, ela questiona, como promover socialmente a família se não são oferecidas à mulher condições de conciliar a vida profissional com a maternidade? Também nessa breve passagem, a autora propõe uma reflexão sobre o descaso das políticas liberalistas em relação às mulheres, invariavelmente subalternizadas em suas existências e vistas como corpos *re-produtivos*, que produzem e reproduzem a si próprias sem nisso serem valorizadas, uma vez que o reconhecimento recairia apenas sobre o homem, corpo *produtivo* que livremente produz (o capital).

Embora critique a escolha da maternidade, por, ao longo de sua diatribe, considerá-la um laço atemporal a apresentar-se como rédea às mulheres, impossibilitando-as de exercerem outras vocações nas mesmas condições de liberdade experimentadas pelos homens, Lina também inicia, sem aprofundamentos, uma teorização sobre a necessidade de se lutar pela remuneração dos trabalhos domésticos e maternos, o que levaria, mais adiante, a um processo de valorização da atividade feminina restrita aos cuidados familiares.

Na esteira das observações a respeito das obrigações do Estado em relação aos filhos, a autora traz à discussão a recente conceituação da ideia de infância, uma vez que as crianças seriam, até tempos recentes, concebidas para atender aos desígnios da natureza e também para servirem de mão de obra fundamental para a composição da força de trabalho nas sociedades pré-Revolução Industrial.

Se antes as crianças não viam respeitadas as especificidades de sua faixa etária, sendo consideradas apenas pequenos indivíduos aos quais cabiam as mesmas responsabilidades que aos adultos, tão logo se mostrassem minimamente hábeis para executá-las, com o abandono da participação produtiva familiar as crianças teriam deixado de ser interessantes para o Estado e passado a terem educação e saúde de qualidade supridas prioritariamente pela própria família – ou, de maneira mais evidente, pela mãe, historicamente a quem se atribuem as atividades relacionadas à prole e à organização do lar.

Se em um primeiro momento essa breve historiografia sobre construção e desconstrução da infância iniciada por Lina Meruane e aqui levada adiante parece ligeiramente destacada da realidade, no instante seguinte é possível retomar a fala do atual presidente eleito do Brasil em que ele propõe a legalização do trabalho infantil, alegando que ele próprio havia trabalhado em sua infância e isso teria lhe rendido o senso de responsabilidade.

Também nesse sentido foram retomadas as discussões do Estado acerca de maioria penal, além da culpabilização da criança em contextos em que estas sofreram violência sexual por adultos, como em episódio recente em que uma menina de 11 anos do Espírito Santo teve de migrar para outro estado para conseguir realizar legalmente o aborto de um feto que foi fruto de estupros sistemáticos de um tio ao longo de anos.

Essas situações ressoam, em uma primeira análise, a chamada à retomada de uma função produtiva das crianças – seja em termos capitais, seja em termos reprodutivos – da qual a infância só poderia se esquivar a partir da tomada integral de responsabilidade pela família, por cuja criação da prole a mãe responderia, pelos motivos anteriormente elencados. Sob a ótica liberalista, estaríamos divididos em produtores e produtos, e, se as crianças não mais produzem, estas se tornariam então mera reprodução sem valor capital, juntando-se assim também às mulheres-mães que retornam aos lares e passam a ter os filhos como centro das suas ações.

Sobre esses filhos, alçados à condição de centro, Lina Meruane se opõe, acusando-os de serem pequenos tiranos a quem um cardápio de direitos é servido, ao passo que à mãe recairia a culpa pelo comportamento dos filhos – culpa essa que a manteria ainda mais submissa a um papel familiar secundário.

#### **4. Intersecções**

Os textos de Ercília e Lina apontam para uma discussão sobre maneiras de a mulher eficazmente garantir e manter seu acesso em diferentes espaços – seja profissionalizando-se, seja não caindo nas armadilhas da extenuante e não remunerada maternidade em tempo integral. No entanto, se por um lado há abordagens que revelam preocupações de gênero e classe no trabalho de ambas, por outro há a questão de raça que sequer é citada nessas teorias, de modo a se estabelecer uma interseccionalidade incompleta.



Se à época em que Ercília escreveu seu texto as questões de raça eram totalmente apartadas das discussões de gênero, uma vez que o interesse e o acesso a textos produzidos por intelectuais negras eram escassos – em vista de uma invisibilização de gênero ainda mais violenta com as mulheres não brancas (e também com aquelas não heteronormativas) –, hoje já se tem um repertório bastante elucidativo de pensadoras que trouxeram a público a incompletude presente nos estudos feministas que não partem de uma ideia de interseccionalidade.

De Ercília Nogueira Cobra a Lina Meruane, foram muitas as intelectuais que questionaram o papel imposto à mulher, posicionando-se a favor da autonomia feminina em deliberar livremente sobre a intenção ou não de ter filhos, sobretudo a fim de garantir o acesso aos mesmos espaços de poder nos quais os homens circulam. No entanto, a sociedade parece sempre emergir em cenários nos quais as conquistas femininas não conseguem se efetivar, em virtude sobretudo de valores difundidos pela Igreja e pelo Estado.

Nesse sentido, se ao falar da Igreja retomei fala recente do bispo brasileiro Edir Macedo, em que dizia que a mulher precisa ser submissa ao homem, ao falar de Estado relembro fala do atual presidente eleito do Brasil, em que este dizia que as mulheres deveriam ganhar menos, pois engravidam. Esse discurso do presidente é prejudicial à sociedade e em especial às mulheres, pois, assim como o discurso do bispo, fomenta a desigualdade de gênero.

Além de Ercília Nogueira Cobra e Lina Meruane, nas Américas há ainda fundamentais intelectuais como Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Angela Davis, Kimberlé Crenshaw, Gloria Anzaldúa, Judith Butler, María Luisa Femenías, Marta Lamas, Djamila Ribeiro e Carla Akotirene, dentre outras, que trouxeram ao debate questões importantes sobre a condição da mulher.

## **5. Conclusão**

É importante ressaltar que embora Ercília Nogueira Cobra e Lina Meruane se lancem a discussões feministas, as obras parecem ainda enveredar, vez ou outra, por uma ótica patriarcal, exigindo mais ações transformadoras das mulheres do que do Estado ou da Igreja, referências nos modelos comportamentais em função dos discursos que empreendem ou das políticas que executam. Há pouca empatia pelo cotidiano extenuante das mulheres-mães, algo que em geral

só é citado quando tem em vistas reforçar por que é preciso se profissionalizar ou por que não se deve ter filhos, desconsiderando, assim, o poder de escolha feminino e a responsabilização masculina pela manutenção das práticas desiguais que os privilegiam. Também faltam intersecções de raça e classe nos discursos das autoras.

À parte esses relevantes pontos de problematização, é indiscutível a contribuição que as ideias empreendidas por ambas trazem às reivindicações feministas. Há um século, era importante discutir políticas para acesso das mulheres ao conhecimento técnico, assim como discutir a autonomia feminina em relação a assuntos pertinentes ao próprio corpo e à natalidade, e ainda hoje esses debates são fundamentais, pois essas pautas não se efetivaram. Os argumentos incisivos de Lina Meruane contra a maternidade se revelam um contraponto essencial em um momento de retomada agressiva do conservadorismo, com antigos valores ganhando roupagem nova, emulando progressismos. Muitos dos debates que inserem o novo feminismo dentro de uma ideia de dedicação total aos filhos se revelam dignos de atenção, pois distorcem conceitos pelos quais tantas mulheres lutam há tempos. Ao discutir liberdade e igualdade de acesso a todos os espaços, é importante, por exemplo, pensar que a pauta da criação e dedicação exclusiva dos filhos não é uma reivindicação masculina, e, portanto, não se insere em um debate que busca partilha de espaços. Ao contrário, por exemplo, a lei que prioriza as mulheres como detentoras da guarda dos filhos em caso de separação não é propriamente um avanço em reconhecimento legal dos direitos da mulher; é, sobretudo, um dos marcadores contemporâneos que reforça a quem cabe a criação dos filhos, como bem observa a autora.

São de fundamental importância os estudos que alertam para os riscos da perda de acesso a espaços já conquistados pelas mulheres. A desistência de ocupação de outros lugares em função da criação dos filhos – uma atividade ainda não remunerada apesar das muitas demandas e exigências, e dos muitos retornos sociais e capitais que gera –, pode se revelar não necessariamente como uma escolha feminina consciente, mas sim um sinalizador de desinteresse pelas próprias conquistas, enquanto gênero, e de adesão aos discursos patriarcais atemporalmente vigentes.

### Referências

COBRA, Ercília Nogueira. *Virgindade Anti-higiênica: preconceitos e convenções hipócritas*. Edição da Autora: São Paulo, 1924.

MERUANE, Lina. *Contra os filhos*. Tradução de Paloma Vidal. São Paulo: Todavia, 2018.

SOARES, Ingrid. Bispo Edir Macedo diz que mulher não pode ter mais estudo que o marido. *Correio Braziliense*, Brasília, 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/09/24/interna-brasil,789307/bispo-edir-macedo-diz-que-mulher-nao-pode-ter-mais-estudo-que-o-marido.shtml>. Acesso em: 3 out. 2020.

FOSTER, Gustavo. Bolsonaro diz que não teme processos e faz nova ofensa: “Não merece ser estuprada porque é muito feia”. *Zero Hora*, Porto Alegre, 10 dez. 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2014/12/bolsonaro-diz-que-nao-teme-processos-e-faz-nova-ofensa-nao-merece-ser-estuprada-porque-e-muito-feia-cjlf8rj3x00cc01pi3kz6nu2e.html>. Acesso em: 3 out. 2020.